

CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Conversas com o professor; 1).

Caroline Cassiana Silva dos Santos*

As descobertas e reflexões que os textos propõem podem variar, por exemplo, de acordo com a qualidade de minha leitura (ligada à extensão do repertório que me respalda) e mesmo com os propósitos de que me imbuo ao realizá-la. Essas são algumas das condições para que o ato de ler se configure de um modo para dado leitor, o que nos faz considerar a existência de “modos” de leitura.

Um dos índices que me obriga a lançar novo olhar a dado livro em uma prateleira é seu título. Foi o caso d’ *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Nele, reconheço o lançamento de mais uma obra voltada às questões da formação literária, enfatizando o papel do professor. A autora, Lígia Cademartori, não me é desconhecida (em outros momentos de minha formação, li alguns de seus textos, também voltados ao tema da leitura). Entretanto, o que tal livro, publicado em 2009, pela editora mineira Autêntica, poderia acrescentar, contribuir ou desfazer em relação ao tema da leitura literária na escola, tão amplamente discutido e, muitas vezes, reduzido a simplificações ou “receitas” para a formação do leitor?

Em cada um dos três blocos temáticos em que está organizado o livro, a autora discute aspectos da literatura destinada ao público infantil e juvenil, considerando as (in)definições propostas sobre tais sujeitos ao longo do tempo. Em grande medida, o olhar que o adulto tem sobre esses sujeitos direciona a produção escrita de textos literários, bem como os modos e os espaços de sua circulação. A tensão causada por essa relação adulto-criança/adulto-jovem não é esquecida, e o entrecruzamento de

* Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP); Coordenadora pedagógica (Prefeitura de São Paulo); Membro do Grupo de Pesquisa “Linguagem e Conhecimento” e do Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (CELLIJ/UNESP). E-mail: carolcassiana@zipmail.com.br

falas/discursos proposto pela autora (como ideia e como forma, como se verá mais adiante) seria uma possibilidade para que o adulto (na figura do professor) repense as relações estabelecidas com esses sujeitos, tendo por base um objeto de natureza estética e humanizadora (segundo Antonio Candido), como a literatura.

No primeiro bloco (“Literatura infantil: a narrativa e o tumulto do mundo”), antes de propor uma lista de livros que poderiam ou deveriam ser lidos para ou pela criança, Cademartori lança mão de cenas de leitura de crianças e jovens presentes em textos da literatura brasileira e universal. A discussão sobre o conceito de leitura, o percurso de formação leitora, o papel do professor e mesmo a função da literatura são iniciadas por esses excertos ficcionais, narrativas singulares que evidenciam a pluralidade de um universo possível com a leitura literária.

Aos textos ficcionais, a autora acrescenta relatos de autores sobre sua formação leitora, bem como o repertório da produção da crítica literária, entrecruzando discursos e, o que talvez seja mais significativo em sua obra, partindo sempre do objeto literário para criar condições de se conceituá-la.

Ainda neste bloco, elementos da narratividade, como personagem (e a possibilidade de identificação do leitor), tempo e espaço (regidos por lógicas diferenciadas), temas e enfoques (ênfatizando a transformação histórica do conceito de criança e que, apesar da pretensa inexistência da “circunscrição temática”, o modo como dados temas são enfocados ainda demonstra os níveis de idealização com que encaramos essa fase da vida) e a ilustração (e sua interação com o texto verbal) são revistos e pensados à luz dos exemplos encontrados na ficção e nos demais relatos, possibilitando uma forma de considerá-los como concorrentes para a articulação de uma narrativa que possibilite a construção da identidade do leitor.

A criação e a destinação de outras categorias de texto literário destinadas aos jovens é tema do segundo bloco (“Literatura juvenil: refúgio na fantasia ou fim da inocência?”), integrante do livro de Lígia Cademartori.

Às memórias de autores que remetem à mediação leitora feita por bibliotecários e professores em seus percursos formativos soma-se a discussão sobre a adesão que dadas narrativas provoca nos jovens e a “concorrência” de meios eletrônicos presentes em nossa época frente ao

livro literário. Nesse ponto, a autora salienta o caráter instrumental da literatura escrita e dirigida aos jovens, pois seu meio de circulação e aceitação é a escola. A questão a ser pensada, nesse caso, tem sua ordem invertida: volta-se o olhar sobre a função da instituição e não ao leitor. Assim, um dos possíveis caminhos para a escola seria o de introduzir obras de “alto potencial simbólico”, diferentes dos *best-sellers* consumidos por grande parcela de jovens leitores, de modo a contribuir para as respostas buscadas por esse leitor em formação que carrega dúvidas específicas de sua idade.

Outra via de leitura para jovens seria a dos clássicos traduzidos e adaptados. Embora sua validade como literatura seja discutida, traduções e adaptações, segundo Cademartori, podem introduzir o leitor em formação em um mundo de leituras ampliado (contato com realidades culturais e existenciais por meio de personagens distantes geograficamente, por exemplo), bem como podem inspirar, quando preservadas as marcas de identidade da obra original, a leitura do texto-fonte, “quando houver maturidade”.

A narrativa policial contemporânea, ao contrário da clássica, que pressupunha um leitor com gostos voltados ao suspense e à investigação, é calcada no choque, no perverso, no impactante, muitas vezes reflexo de uma sociedade também mergulhada na violência e em sua banalização. Uma vez que esse tipo de narrativa é comumente associado à leitura juvenil, cabe considerar a intervenção do mediador mais experiente para que a leitura realizada seja crítica. Nesse sentido, Cademartori volta seu olhar ao movimento que se estabelece em instituições de ensino (especialmente, sobre a obscuridade do critério de seleção de obras de leitura obrigatória no ensino médio) e os encaminhamentos possíveis para que essas leituras sejam feitas priorizando a formação do leitor.

Quanto ao papel do professor, a autora aponta as limitações do trabalho pedagógico e, antes de atribuir ao professor uma pretensa culpa pelo insucesso da formação literária de todos os jovens alunos, enfatiza a ideia de que o desenvolvimento das competências linguísticas e textuais é tarefa do ensino fundamental, mas a formação literária “extravasa o âmbito do trabalho de massa” por envolver subjetividades.

Em “Aventuras poéticas: imagens, sons e sentidos”, bloco que encerra o livro, a poesia como iniciação da palavra ganha contornos. Além de situações de uso prático da língua, em sua maioria, com função comu-

nicativa direta, existem situações e formas de se lidar com a linguagem que garantem opacidade às palavras, o que demanda escritores e leitores que também saibam lidar com essa matéria linguística.

A expressão poética é construída com a ênfase nas palavras, em seus aspectos materiais (acústicos, visuais, imagéticos) que dialogam com a realidade, estabelecendo novas formas de pensar o mundo, agora à luz da linguagem literária. Se, por um lado, têm-se possibilidades temáticas ampliadas, por outro, como aponta Cademartori, a escritura poética tem colocado dificuldades aos poetas que se propõem uma poesia infantil, especialmente pelo modo como o escritor prefigura seu leitor infantil. Experimentalismo e tradição caminham juntos na trajetória dessa poesia, por exemplo, quando formas poéticas antigas, como jogos verbais (cantigas de roda, canções de ninar, trava-línguas, adivinhas), o alfabeto como tema de poesia (para crianças em fase inicial de escolarização) e mesmo experimentações de poetas modernistas são oferecidos à criança e têm recebido atenção por parte de pais e professores. Entretanto, considerar apenas o objeto literário e sua mediação na escola não é a única preocupação de Cademartori. Por isso, ela encerra o livro com um capítulo em que discute a leitura na era de consumo, destacando que todo modo de introduzir ou fomentar a leitura literária deve considerar a subversão de uma lógica do descartável. Ainda, a literatura como sistema simbólico de comunicação, que demanda tempo e entrega, deve se dar de forma a atender às necessidades de ser dos leitores em formação.

Antes de acrescentar, contribuir ou desfazer, Cademartori expõe um ponto nevrálgico na discussão sobre a formação de leitores e propõe um olhar mais atento sobre um elemento essencial para uma formação literária: a possibilidade que cada sujeito tem de fazer suas escolhas, se lhe são dadas condições para tal. Nisso reside o papel do professor.

Recbido: 24/05/2010
Aprovado: 16/09/2010

Contato:
Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação
Seção de Pós-Graduação
Av. da Universidade, 308
São Paulo – SP
CEP 05508-900